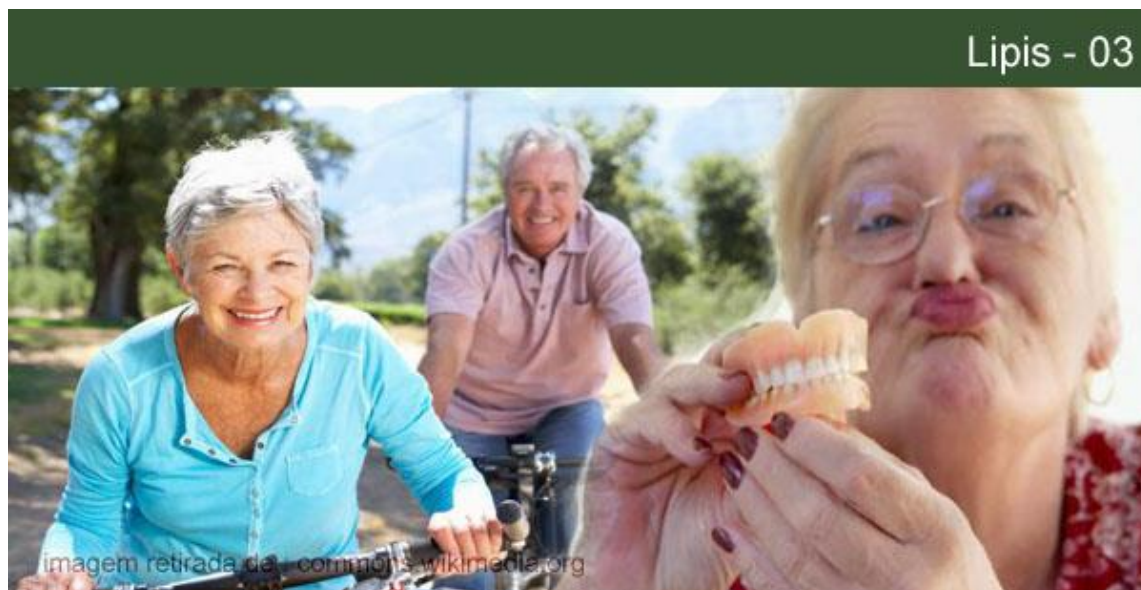




REPENSANDO NOVAS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA MÍDIA

Joana de Vilhena Novaes

Professora do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Professora do Departamento de Psicologia da UVA. Pós-doutora em Psicologia Médica e Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do Núcleo de Doenças da Beleza do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS da PUC-Rio. Pesquisadora correspondente do Centre de Recherches Psychanalyse et Médecine - Université Denis-Diderot Paris. Bolsista da Fundação Nacional de Desenvolvimento do Ensino Superior – FUNADESP. E-mail: joanavnovaes@gmail.com.

Anderson Cruz barreto

Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA. Especialista em Educação e Tecnologia pela UVA. Jornalista da TV UVA. Coordenador da Oficina de TV para a Terceira Idade UnATI/ UERJ (2015). E-mail: anderson@uva.br.

Lilian Barreto

Médica Emergencista do Hospital Geral da UNIMED em Campos dos Goytacazes Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (UVA). Especialista em Medicina do Trabalho pela Faculdade Redentor de Itaperuna. Coordenadora do Projeto de Nefroproteção no Hospital Geral de Guarús de Campos dos Goytacazes. E-mail: lilianbarreto_1@yahoo.com.br.

Resumo: Partindo da premissa de que o corpo é um capital valioso e a juventude um valor na contemporaneidade, o presente artigo buscou analisar as representações sociais da velhice na sociedade de consumo e do espetáculo. Dentro deste contexto, surgiu um projeto audiovisual denominado Bonde Alegria, cuja proposta era conferir visibilidade aos idosos, dando aos mesmos, representação não estereotipada, através da autonomia e do protagonismo que lhes foram atribuídos. Através da interface entre o campo da comunicação social e da psicanálise, foi possível ancorar as discussões teóricas acerca dos aspectos geradores da exclusão social dos velhos, nos dias atuais.

Palavras-chave: Envelhecimento. Representação Social. Corpo. Mídia. Psicanálise.

RETHINKING NEW SOCIAL REPRESENTATIONS OF OLD AGE: REPORT OF AN EXPERIENCE IN THE MEDIA.

Abstract: Starting with the premise that the body is very important and youth is a contemporary value, this study analyzed the social representations of the old age in a consumer society. In this context, an audiovisual project was created and named Bonde Alegria. Its proposal was to give visibility to the elderly and not to stereotype them. Through an interdisciplinary point of view combining the fields of Social Communication and Psychoanalysis, it was possible to establish theoretical discussions about the generating aspects to the social exclusion of the elderly nowadays.

Keywords: Aging. Social Representation. Media. Psychoanalysis.

Introdução

A partir da década de sessenta do século passado, todo o avanço tecnológico e científico, associados à crescente modernização da Medicina, proporcionou um grande impacto no tocante ao aumento da expectativa de vida no Ocidente. Em decorrência das melhorias nas condições de vida, houve uma importante redução nos níveis de mortalidade, que associada à redução da taxa de natalidade, concorreu para uma acelerada transição demográfica vivenciada nas últimas décadas. Como consequência do fenômeno da inversão da pirâmide etária, a velhice adquiriu uma maior visibilidade social, configurando um grande desafio a ser enfrentado na atualidade. Tal fato evidenciou preocupações sociais até então não identificadas em nossa cultura (ALTMAN, 2011).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a legislação brasileira que dispõe sobre a política nacional do idoso, lei nº 8842/94, artigo 2, criada em 04 de janeiro de 1994, é considerado como idoso: “a pessoa maior de sessenta anos de idade”. Entretanto, o processo de envelhecimento não diz respeito apenas aos indivíduos velhos, mas a um processo inevitável, irreversível e contínuo de mudanças físicas, psíquicas e sociais. Processo esse que é iniciado do dia em que se é concebido e se estende até a morte do indivíduo.

Quando se pensa no ato de envelhecer, remete-se à própria história, memórias, aprendizados, superações, ensinamentos e se acaba por evocar a figura da morte, numa associação, quase sempre, automática e irrefletida, entre velhice e o fim da vida. Esse pensamento é capaz de explicar a freqüente dificuldade do indivíduo em lidar com a decrepitude inerente ao envelhecimento, como também é gerador de um enorme sentimento de angústia e horror, diante da mortalidade que define a condição humana – evitação também denominada de tanatofobia.

Dessa forma, conceituar a velhice constitui uma tarefa árdua, posto que envolveria opiniões subjetivas que vão desde o “reinventar-se a cada dia”, à “melhor idade” até o “já vivi

tudo” e “posso morrer”. Descreve-se, portanto, o modo como o idoso se vê e percebe, além da maneira como é visto pelos outros. Sendo então legítimo afirmar que: não existiria a velhice, mas sim “velhices”.

E ainda, a velhice significaria a aproximação imaginária do fim da nossa jornada no tempo, isto é, o angustiante encontro com a morte. Esta aproximação deve ser, contudo, idealmente transformada em um processo dinâmico, único e passível de metamorfoses, de modo a configurar inúmeras formas de envelhecer, variando de acordo com as pessoas que o experimentam. Parafraseando o psicanalista francês Jack Messy, “o envelhecimento é a própria vida” (PITANGA, 2006, p. 70).

Outrora vinculado ao status de referência simbólica e centralidade na hierarquia social, o velho ocupava o lugar da memória e da tradição na cultura da ancestralidade. Atualmente, observa-se que no imaginário social, a figura do velho é associada à condição de marginalidade, estigmatização e preconceito. Na cultura neoliberal do desempenho e da performance, sempre atenta e obediente às leis do mercado, tudo que não produz, perde o seu valor de troca, transformando o velho num peso morto e oneroso aos cofres públicos. Seu capital acumulado tornou-se patrimônio intangível (VILHENA et al., 2013).

Sinônimo de incapacidade física e intelectual, dependência emocional, além de degenerescência física e psíquica, na sociedade brasileira contemporânea, o velho é visto como um país de terceiro mundo, cidadão de segunda classe. Afinal, em um país sem memória, história pra quê?

Envelhecimento e luto

Desde o nascimento o indivíduo vivencia várias castrações. Situações traumáticas que vão da separação do corpo materno, passando pelo desmame, até a perda do objeto de amor. Analogamente ao processo de envelhecimento, a todo o momento, se rememora suas limitações, de modo a ser correto afirmar que o fenômeno da castração dar-se-á tal como as perdas de objetos investidos, libidinalmente, são vivenciadas. Sendo assim, desde os primórdios da sua estruturação psíquica, o sujeito desenvolve mecanismos através dos quais lhe é possível desligar a sua libido dos objetos inicialmente investidos e, uma vez perdido, vinculá-la a outros. Em face disto e dentro desta mesma perspectiva psicanalítica, compreende-se a função do desejo enquanto mola propulsora do sujeito. A partir da noção de

desejo como empuxo, é possível a compreensão da pulsão como algo capaz de dar sentido à vida do sujeito, através da ligação com os seus objetos – força e investimento que o impulsiona.

Só deseja aquele que reconhece o limite do não-ter e a experiência da falta. O desejo, portanto, só é possível onde não existe a completude. Na esteira desse pensamento, Pitanga, (2008) afirma que:

No envelhecimento, o trabalho do luto se constitui no penoso processo psíquico que o idoso percorre, implicando a necessidade de elaboração do vínculo afetivo com aquilo que sente perdido e que o social soberanamente glorifica: o corpo jovem e a beleza; o poder e o status do trabalho e, ainda, pessoas do seu convívio que começam a morrer. (PITANGA apud ALTMAN, 2008, p. 197).

É notório que os idosos estão propensos a viver perdas e a se deprimirem, e essa observação é, em grande medida, corroborada pelo protagonismo que os investimentos no corpo, enquanto capital, assumiram na sociedade de consumo. Em uma cultura na qual juventude e magreza são valores máximos, o envelhecimento está vinculado à privação, redução da resistência e força física para a realização de atividades laborais ou até mesmo cotidianas, declínio das funções cognitivas e biológicas, perda da vitalidade, equilíbrio e agilidade, mudança da condição sócio-econômica, em decorrência da saída do mercado de trabalho ou ocupando posições não tão bem remuneradas. Pode-se ainda citar a degenerescência corporal, vulnerabilidade às doenças crônicas, perda dos entes queridos ou amigos reforçando a ansiedade de ser o “próximo da fila” (VILHENA, ROSA, NOVAES, 2016).

Nesse sentido, a velhice deve ser considerada um fenômeno biológico que apresenta sequelas psicológicas, ocasionando prejuízos nas relações interpessoais do sujeito, afetando, em última análise, sua interação com o contexto no qual o mesmo está inserido. Situações cotidianas de aniquilamento social e psíquico.

Segundo Bianchi (1993), em um processo de luto bem-sucedido ocorre um deslocamento da libido e esta passa a ser substituída por objetos mais duradouros, a fim de evitar reconhecer na morte, uma castração radical. Entretanto, esses objetos substitutos não são capazes de cumprir adequadamente a sua função e então, faz-se necessário a presença do luto de um corpo que não mais será capaz de retornar a sua pujança, vitalidade e performance.

Diante da necessidade de abafar essa falta, a idéia do luto é substituída pela formulação de um discurso que evidencia, através da incorporação de eufemismos e adequações vocabulares, a evitação no confronto com as dimensões de finitude, limitação e degenerescência, que integram o envelhecimento. O escamoteamento das perdas e falhas que o corpo passa a sofrer, observado em expressões como “melhor idade”, é uma boa ilustração da nossa incapacidade no trato das mesmas (VILHENA, NOVAES, ROSA, 2014).

Ainda de acordo com Bianchi (op. cit.), para superar a velhice, o investimento “fora do eu” é a condição da manutenção da subjetividade, expressando o processo de maturação psíquica e a superação do narcisismo. O processo de envelhecimento pleno pode ser alcançado, porém estaria vinculado ao modo pelo qual aquela pessoa estruturou as suas experiências psíquicas durante toda a vida, proporcionando uma pujança entre os sentimentos amorosos com relação aos de inveja e ódio.

Para Melanie Klein (1991[1963]), é necessário haver a resolução da inveja e da rivalidade excessivas como précondição para o ajuste normal à idade adulta e à velhice. “Quando a inveja e a rivalidade não são grandes demais, torna-se possível saborear vicariamente os prazeres dos outros” (p. 16-17).

Em uma analogia pertinente com a infância, o fim da fase fálica é marcado pela ameaça de castração; surge um conflito entre o interesse narcísico da criança e a catexia libidal de seus objetos parentais. E nessa disputa, o narcisismo vence, fazendo com que as catexias de objeto sejam abandonadas e substituídas por identificações. “É quando o ‘si mesmo’ é escolhido como objeto amoroso. O eu amando o próprio corpo” (CUKIERT, 2000, p. 70).

Concomitantemente a este processo, o conflito será reeditado entre os interesses narcísicos e a catexia objetal, pois a perda de um corpo jovem remeterá o sujeito ao processo de castração. Sendo assim, para estabelecer um luto, é necessário que ocorra uma nova identificação, não marcada pelo desejo de repetição de si mesmo, e sim, pela criação. (ENGBRECHT, 2012):

Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo (self-love) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do adulto surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e, quando, ao crescer, se

vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a forma de um ideal de ego. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (FREUD, 2011[1930], p. 111).

Na velhice, existe um trabalho de aceitação da realidade que pode dar lugar ao sentimento de castração do sujeito do seu próprio ser, porque não é outro que vai se perder, mas a si mesmo. Logo, o trabalho de luto do eu e do corpo jovem constituem uma problemática narcísico-depressiva, que o psiquismo deve saber lidar.

De acordo com Teixeira (2013), é o saber da existência de um Outro possibilitando o desenvolvimento do amor, do ato de cuidar, assim como do afeto, da emoção e da sensibilidade que faz transformar a nossa convivência em sociedade mais harmoniosa e tolerante.

Bonde alegria: dando visibilidade ao velho

As relações contemporâneas corroboram que ser velho é não possuir moeda de troca. Na lógica Neoliberal do desempenho e da alta produtividade – o corpo lento do velho não possui valor. Soma-se a isso o fato de o Brasil ser caracterizado como uma sociedade na qual a memória é desprovida de qualquer valoração positiva. Daí estende-se a pergunta: em um país sem memória, história para quê? Qual a moeda de troca para um corpo portador de histórias de outros tempos, outros costumes, mentalidades, normas, realidades...? Qual o estatuto atribuído ao velho? A quem interessa ouvir o que este corpo tem a dizer e a contar? Depositário de quais expectativas sociais? Rebotinho, refugo, desviante, excluído social – qual o seu valor de uso? Produto de uma sociedade onde impera a lógica da descartabilidade e da obsolescência programada – o discurso médico associado à ciência, agora enquadrado na categoria das “neurociências” exige, paradoxalmente, do velho a ativação da sua memória, mas não da sua história.

As representações e os padrões de beleza e juventude são ratificados pela grande mídia nas produções de entretenimento e informação, passando pela propaganda e o marketing. Boa parte do que se consume é apresentado por modelos jovens e imagens que reafirmam a juventude como um bem maior. Estamos cercados por modelos jovens, magras, de pele e dentes brancos, com corpos esculturais. Nas palavras de Debord: “o espetáculo se apresenta como a própria sociedade, como parte da sociedade e como instrumento de unificação [...] o

espetáculo constitui o modelo atual de vida dominante na sociedade” (1997, p. 14). Na sociedade imagética e do espetáculo a representação de uma imagem é superior a própria imagem.

A publicidade se vale desses conceitos e ajudam a propagá-los. Comerciais com velhos como protagonistas estão voltados para produtos exclusivos para esta faixa etária, como exemplo há o *Corega*, fixador de prótese dentária, *Nutren Senior*, suplemento nutricional, clínicas de disfunção erétil e nas ações publicitárias informativas, como campanha de vacinação da gripe. Dessa forma, os velhos e velhas na propaganda são estereotipados. Esta ação advém da representação social que designa o velho como um indivíduo ultrapassado, desajustado social e tecnologicamente. Propagandas como o velho dançarino da *OLX*, as senhoras que buscam se conectar com a tecnologia (das redes sociais e) do *Itaú*, e todas as relações com produtos medicinais que vão ajudar a ter uma vida melhor, com vitaminas, ossos, pele, apresentam ações de marketing que caricaturam o idoso com um comportamento infantilizado ou buscam em atores e atrizes mais jovens, os seus representantes. O imperativo contemporâneo é não mostrar o envelhecimento distante do desempenho da juventude.

É comum considerar que as ações sociais para este público estão em busca de dar um novo sentido para esta fase, mas socialmente ainda há o que ser feito. O velho estereotipado, de pijama, deitado no sofá, jogando carta ou fazendo crochê ainda existe e não há problema nisto. O que deve ser respeitado é a multiplicidade de formas de viver, do sujeito existir e atuar.

O Bonde Alegria, projeto de um dos autores – Anderson Barreto –, também foi um espaço de experimentação e elaboração desses papéis, através da teoria de grupos e o papel terapêutico do mesmo. Mesmo na tentativa de ser uma resistência ao que se propaga na grande mídia, o programa teve dupla ação. Ora produto de resistência, ora juiz e reprodutor das sentenças que excluem e não agregam os velhos nas suas singularidades. Percebeu-se que velhos deste grupo se revezavam e se alternavam nos papéis de líder, bode expiatório, porta-voz e sabotador. Enquanto para alguns participar da reunião de pauta e colaborar com uma ideia já era protagonismo, para outros, ser apresentador era a máxima desta participação. Com isso, reunidos neste espaço de fala e escuta, alguns trouxeram à tona reclamações quanto à preferência do coordenador (papel exercido por um dos autores) entre alguns membros do

grupo, outros organizavam ideias e colaboravam com sugestões e questionamentos referentes a execução da tarefa proposta, e ainda tinham os que intermediavam as relações no grupo. Contudo, o que prevaleceu a este grupo foi a comunhão em tornar a experiência real.

O sofrimento psíquico gerado pela invisibilidade social, muitas vezes comparado à morte em vida, faz com que se olhe para este sujeito e entenda à subjetividade inerente ao mesmo. Não há certo ou errado, apenas alguns caminhos e alternativas, aqui apresentados, para o envelhecer. Os “novos velhos”, chamados comumente de terceira idade, possuem a escolha de qual caminho seguir: reproduzir os ditames sociais, assujeitarem-se aos imperativos contemporâneos ou resistir. Contudo, a escolha ainda é uma ação individual.

Dentro desse referencial, qual seria então o papel da mídia? A sociedade do consumo, através de suas práticas corporais normatizantes, ensina como retardar o envelhecimento, como escolher uma alimentação saudável que ajude a envelhecer com saúde, o que fazer para estar bem com o corpo e a “alma”. É preciso, pois, enxergar o indivíduo em sua singularidade e toda a sua complexidade, entendendo sua formação identitária dentro de uma perspectiva bio-psicossocial, bem como uma construção histórica, para que se possa lançar um olhar mais arejado e sensível para o fenômeno do envelhecimento dentro do contexto atual.

Partindo da premissa da longevidade enquanto resultado dos avanços da ciência em conjunção com o discurso higienista bem assimilado (segundo o tempo da ciência aliada à medicina) e a expectativa de vida estendida, se desenhando como uma pirâmide etária invertida, é preciso repensar o papel do velho na sociedade. Se a sociedade capitalista e do consumo são responsáveis pela criação de nichos mercadológicos que geram lucros para as empresas, o que ainda falta para que as representações publicitárias, no que tange o envelhecimento, tenham em produtos diversos, do xampu à aquisição de um novo carro, protagonistas velhos?

A velhice, etapa da vida desejada e temida, se apresenta com mais aspectos negativos do que positivos; por isso os esforços de grupos de terceira idade, como as Universidades abertas da terceira idade, que buscam reinterpretar o ócio da aposentadoria como fase de novas escolhas e uma busca por aprendizagem. Debert (1997) afirma que para a melhor compreensão do processo de perdas característicos do envelhecimento, deve-se entender que o ethos contemporâneo tem na demanda ilimitada por prazer (gozo) e na satisfação pessoal sinônimos de autonomia. Satisfação essa, contudo, que acreditamos deve ser guiada por um

olhar de descobertas. Envelhecer poderia ser sinônimo de buscar estudos em áreas que outrora foram esquecidas, de ter tempo para se relacionar com o outro e com a memória, de forma que esses pensamentos tragam lembranças e sinais positivos, além de ser um tempo de descobertas que perpassam até pelas questões amorosas.

As novas imagens do envelhecimento, na luta contra o preconceito e a exclusão, tratam de acentuar os ganhos que o avanço da idade traz. Um deles perpassado pela produção audiovisual analisada neste artigo. O Bonde Alegria realizou entre os anos de 2008 e 2015 uma nova perspectiva de produção audiovisual. O programa é o único com o formato de colaboração e atuação protagonista dos idosos.

Se o mercado de trabalho desqualifica a falta de força e leveza, a produção foi um canal de abertura para ouvir e representar o idoso carioca, tal qual o mesmo se percebe e enxerga. Neste relato, percebe-se que não há qualquer julgamento moral, apenas interpretações. Rugas, cabelos brancos, fala mais lenta, não deviam ser olhados com desprezo, a urgência e a gritaria das produções audiovisuais contemporâneas contrastam com a do Bonde Alegria. Ser “passageiro” do Bonde não era reproduzir a fala do Jornal Nacional. Tratava-se, pois, de buscar uma forma confortável de comunicar conteúdo e informação relevante para este segmento. Quer fosse através de entrevistas ou da simples emissão de uma opinião.

O programa em questão oportunizou a abertura de uma tela que expôs um grupo de homens e mulheres, com mais de sessenta anos, que histórica e socialmente, vinham perdendo espaço ou sendo retratados de modo estigmatizado, dentro das narrativas midiáticas. Sibília (2012) lembra que entre os anos sessenta e setenta, a juventude se impôs como um valor indiscutível e universal e a aparência *teen* se converte em sinônimo exclusivo da boa forma. Essa é a tela que vai dar a este corpo um espaço para contar uma história. Novaes (2010) afirma que “o corpo é o lugar da ancoragem dos atravessamentos filosóficos, históricos, econômicos, políticos, artísticos, psicológicos e culturais” (p. 33).

Todo corpo conta uma história e toda história é única. Tido como uma das três fontes de sofrimento, o corpo na tese freudiana (FREUD, 2011 [1930]), é fonte de investigação para entender a vida psíquica de uma pessoa e nesta pesquisa percorreu-se as dificuldades subjetivas relacionadas à perda de tônus, vigor e beleza e procurou-se entender como a

chegada das transformações corporais no envelhecimento estão ancoradas pelo discurso do consumo e do espetáculo e, sobretudo, da juventude.

Sibília (2012) lembra que os códigos midiáticos que regulam as imagens do contemporâneo estão longe de ser “livres”. A mídia funciona como o próprio poder disciplinar incitando os sujeitos docilizados a cuidarem de si. As imagens reproduzidas vendem produtos que são alterados por programas de computador. O próprio corpo, enquanto imagem e produto midiático, é alterado. O anti-idade, ou tem modelos com menos de 60 anos, ou reduz as marcas da pele da modelo com o *photoshop*. Mulheres magérrimas, homens viris, dietas da moda, implantes capilares, para cada problema uma solução que por sua vez incita à formulação de novas demandas.

A preocupação com a imagem e a aparência são reproduzidos no Bonde Alegria como balizadores/marcadores de inclusão no grupo. Ao longo do trabalho do programa, boa parte do grupo apresentava preocupações estéticas, principalmente nos dias de gravação. A imagem reproduzida na câmera tinha que ser melhor do que a refletida no espelho. Uma mistura de corpos resistentes e submissos conviviam em um único sujeito.

A cultura brasileira (mas não somente) tem no enaltecimento e na superestima da juventude, um dos carros-chefes da sua representação exterior. Negligencia, igualmente, o conhecimento e a memória enquanto um capital. Um país com raízes culturais fracas não valoriza a memória e a tradição, reforçando o consumo voraz de imagens enquanto simulacros.

O idoso se depara com problemas de rejeição da autoimagem e tende a assumir como verdadeiro os valores da sociedade que o marginaliza. Será a velhice algo que permanecerá um tabu? Até quando se continuará a pensar o velho enquanto incômodo, que deve ser alocado distante de nós, marginalizado, abandonado em instituições asilares, como da cena social? E nessa condição, empurrados para o que Vilhena (2012) intitulou de: habitantes dos subúrbios da cidadania?

O processo de repensar a velhice ainda está em andamento e é resultado de um diálogo interdisciplinar entre áreas de conhecimento diferentes, e por vezes, distintas. As relações sociais e as políticas públicas irão, como apontado por Debert (2003), reprivatizar a velhice, tirar o olhar de que velho é obsoleto e ultrapassado, para dar espaço, voz e protagonismo a este segmento etário. Emponderar o velho é tirar os estereótipos de isolamento, decrepitude e

morte social e física, para apresentar uma nova imagem de que há espaço na mídia, na sala de aula, na atividade física, no jogo de cartas na praça, nas relações familiares, nas relações amorosas, para um ator social que não perdeu sua potência. Reside ali, um imenso desejo contingencial, em busca de satisfação – basta, contudo, que não se colonize este desejo, de modo a não engessar a sua satisfação em formas pré-determinadas.

Referências

- ALTMAN, M. O envelhecimento à luz da psicanálise. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, n. 44 (80), p. 193-206, 2011.
- BIANCHI, H. **O eu e o tempo**: psicanálise do tempo e do envelhecimento. São Paulo: Casa do psicólogo, 1993.
- CARIDADE, A. Somos nossa história. In: _____. **Caminhos e caminantes**. Recife: Ed. Bagaço, 2004. p. 142-157.
- CUKIERT, M. **Uma contribuição à questão do corpo em psicanálise**: Freud, Reich, Lacan, 2000. 223 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2000.
- DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12. n. 34, 1997.
- _____. O velho na propaganda. **Cadernos Pagu**, n. 21. 2003: p. 133-155.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ENGBRECHT, S. Narcisismo e sexualidade no envelhecimento. **SIG Revista de Psicanálise**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 31-39, ago. 2012.
- FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Trabalho original publicado em 1915).
- _____. Luto e Melancolia. In: _____. **Introdução ao narcisismo**: ensaios metapsicológicos e outros textos. Obras completas. Vol. XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho originalmente publicado em 1915).
- _____. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Trabalho originalmente publicado em 1930).
- JACQUES, E. Morte e crise da meia-idade. **International Journal of Psychoanalysis**, n. 46, p. 502-514, 1970.
- KLEIN, M. (1963). **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- NOVAES, J.V. **Com que corpo eu vou?** Sociabilidades e usos do corpo nas mulheres das camadas altas e populares. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Pallas, 2010.
- _____. (2006). **Ser mulher, ser feia, ser excluída**. [versão online]. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Política Nacional do Idoso. Lei nº 8842/94. 1994.

PITANGA, D.A. **Velhice na cultura contemporânea**. 2006. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

PY, L. Envelhecimento e subjetividade. In: PY, L.; PACHECO, J. L.; SÁ, J. L. M.; GOLDMAN, S. (Orgs.). **Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau Editores, 2004.

QUINODOZ, D. Growing old: A psychoanalyst's point of view. **International Journal of Psychoanalysis**, n. 90, p. 773-793, 2009.

SIBÍLIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Revista comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, ano 9, v. 9, n. 26, p. 83-114, nov. 2012.

TEIXEIRA, S. **Narcisismo e o medo de envelhecer: uma sociedade sem futuro!** 2013. Disponível em: <<http://escrituraecriatura.blospot.com.br/>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

VILHENA, J. Repensando a velhice em tempos sombrios. In: POCINHO, R.; SANTOS, E.; FERREIRA, J.; GASPAR, J.P.; RAMALHO, A.; SOEIRO, D.; SILVA, S. (orgs.). **Envelhecer em tempos de crise: Respostas Sociais**. Coimbra: Legis Editora, 2012. p 11-28.

VILHENA, J.; NOVAES, J.V.; ROSA, C. M. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. In: **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, 17(2), p. 251-264, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/juniajoanaecarlosjun2014.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2017.

VILHENA, J.; ROSA, C.M.; NOVAES, J.V. MARTINS. K.H. Para além dos anos vividos. Uma leitura das categorias clínico-discursivas acerca da velhice. In: POCINHO, R.; SANTOS, E. (orgs.). **Envelhecer hoje, conceitos e práticas**. Curitiba: Appris, 2013. p 151-175.

VILHENA, J.; ROSA, C.N.; NOVAES, J.V. Tempos do envelhecer...corpo, memória e transitoriedade. NOVAES, J. V.; VILHENA, J. (orgs.). In: **Que corpo é este que anda sempre comigo?** Corpo, imagem e sofrimento psíquico. Curitiba: Appris, 2016. p. 147-164.

Recebido em: 03/08/2017.

Aceito em: 01/12/2017.